

FORMAÇÃO DOCENTE COMO ATELIÊ: TRANSFORMAÇÕES TEÓRICAS, PRÁTICAS CRIATIVAS E RENOVAÇÃO PEDAGÓGICA

TEACHER TRAINING AS A WORKSHOP: THEORETICAL TRANSFORMATIONS, CREATIVE PRACTICES AND PEDAGOGICAL RENEWAL

LA FORMACIÓN DOCENTE COMO TALLER: TRANSFORMACIONES TEÓRICAS, PRÁCTICAS CREATIVAS Y RENOVACIÓN PEDAGÓGICA

Natalya Cristina Kran Moura¹
Elialdo Rodrigues de Oliveira²

RESUMO

Este artigo propõe um enfoque formativo entendido como Ateliê, um espaço coletivo e experimental de trabalho pedagógico, articulando fundamentos teóricos e um desenho metodológico para intervenções formativas, explorando os usos e os sentidos da didática na formação continuada de professores. Ao conceber a formação docente como Ateliê, defende-se a centralidade da criatividade, da reflexão em ação, da construção coletiva de saberes e da experimentação curricular como vetores de renovação pedagógica. O texto sistematiza um referencial teórico sobre prática docente, relação entre teoria e prática e pedagogias do Ateliê, e apresenta um projeto de intervenção com uma sequência de oficinas/ateliê. Conclui apontando limites e caminhos para pesquisas futuras em ações criativas docentes.

Palavras-chave: formação docente continuada; práticas criativas; renovação pedagógica; Ateliê pedagógico.

ABSTRACT

This article proposes a training approach understood as the Studio, a collective and experimental space for pedagogical work, articulating theoretical foundations and a methodological design for training interventions, exploring the uses and meanings of didactics in continuing teacher education. By conceptualizing teacher education as a studio, the text defends the centrality of creativity, reflection-in-action, the collective construction of knowledge, and curricular experimentation as vectors of pedagogical renewal. The text systematizes a theoretical framework on teaching practice, the relationship between theory and practice, and Studio pedagogies, and presents an intervention project with a sequence of workshops. It concludes by pointing out limits and paths for future research on creative teaching practices.

Keywords: continuing teacher training; creative practices; pedagogical renewal; pedagogical workshop.

RESUMEN

Este artículo propone un enfoque formativo entendido como el Taller, un espacio colectivo y experimental para el trabajo pedagógico, articulando fundamentos teóricos y un diseño metodológico para intervenciones formativas, explorando los usos y significados de la didáctica en la formación continua del profesorado. Al conceptualizar la formación docente como un Taller, el texto defiende la centralidad de la creatividad, la reflexión en la acción, la construcción colectiva de conocimiento y la experimentación curricular como vectores de renovación pedagógica. El texto sistematiza un marco teórico sobre la práctica docente, la relación entre teoría y práctica, y las pedagogías de Taller, y presenta un proyecto de intervención con una secuencia de talleres. Concluye señalando límites y caminos para futuras investigaciones sobre prácticas docentes creativas.

Palabras clave: formación continua docente; prácticas creativas; renovación pedagógica; taller pedagógico.

¹ Universidade Estadual de Roraima – UERR – Boa Vista – Roraima – Brasil – <https://orcid.org/0009-0007-3566-1721-natalyakran@gmail.com> –

² Universidade Estadual de Roraima – UERR – Boa Vista – Roraima – Brasil – https://orcid.org/0000-0001-8903-0625-elialdo_oliveira@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A formação de professores enfrenta, há décadas, o desafio persistente de articular teoria e prática de modo a promover mudanças efetivas e consistentes no cotidiano da sala de aula. Não raramente, cursos e programas de formação inicial e continuada preservam uma separação rígida entre os saberes teóricos, geralmente circunscritos ao âmbito acadêmico, e os saberes práticos, vinculados ao exercício profissional. Essa dicotomia, longe de ser apenas um problema metodológico, reflete um obstáculo estrutural que fragiliza a capacidade dos docentes de inovar, de ressignificar sua prática pedagógica e de responder de maneira criativa e crítica à diversidade de contextos escolares e às demandas complexas da contemporaneidade.

Nesse cenário, propomos repensar a formação como Ateliê: um espaço formativo que rompe com a lógica fragmentada entre teoria e prática e que se configura como ambiente de criação, experimentação e reflexão coletiva. No Ateliê, professores deixam de ser apenas receptores de conteúdos ou técnicas predefinidas e passam a ocupar o lugar de protagonistas na construção de práticas pedagógicas significativas. Esse espaço formativo estimula a produção, a testagem e a apropriação de estratégias inovadoras, permitindo que a experiência docente se converta em objeto de investigação, reelaboração e aprimoramento contínuo.

O objetivo geral deste artigo é, portanto, apresentar e sistematizar o modelo de formação como Ateliê, concebendo-o como uma alternativa de formação continuada voltada à renovação pedagógica e ao fortalecimento da identidade docente. Como objetivos específicos, propomos delinear os princípios organizadores do Ateliê formativo, evidenciando sua fundamentação teórica e pedagógica e descrever uma sequência de oficinas/ateliê que possam ser aplicadas à formação continuada, destacando seu potencial para promover processos reflexivos, colaborativos e transformadores.

A metodologia adotada é de natureza bibliográfica e interventiva, estruturada a partir de um desenho de pesquisa-ação que se desenvolve em ciclos reflexivos participativos. Essa abordagem metodológica possibilita tanto a fundamentação conceitual quanto a proposição de experiências práticas de formação, nas quais a análise crítica da realidade, a criação coletiva de soluções e a experimentação de estratégias constituem movimentos indissociáveis.

Dessa forma, este artigo organiza-se em três momentos principais. Após a introdução, apresenta-se um quadro teórico que justifica a adoção do Ateliê como modelo formativo e

discute sua relevância no enfrentamento dos desafios atuais da formação docente. Em seguida, expõe-se um desenho metodológico que detalha a proposta de oficinas/ateliê como eixo estruturante das intervenções formativas, explicitando sua lógica interna e os modos de aplicação. Por fim, são apresentadas as considerações finais, nas quais se discutem as contribuições potenciais do modelo para a formação continuada de professores, bem como suas implicações para o fortalecimento de práticas pedagógicas críticas, criativas e transformadoras.

SABERES DOCENTES E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Compreender os saberes docentes como núcleo da formação profissional implica reconhecer que o professor não apenas transmite conteúdos, mas mobiliza uma complexa rede de saberes científicos, disciplinares, curriculares e experienciais que moldam sua ação pedagógica. A epistemologia do professor deve ser vista como um processo situado, histórico e plural (Freire, 2002).

Nesse sentido, “o professor pode fazer do seu trabalho pedagógico em sala de aula, um espaço de formação e transformação enquanto sujeito que não reproduz apenas, mas que produz seu conhecimento através de uma reflexão crítica de seu desempenho docente junto a seus discentes”, considerando-os também no processo (Araújo, 2019, p. 27).

Tardif (2002) destaca que o saber docente deve ser compreendido "(...) como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais" (p. 36) e é resultado da confluência de seis pontos: saber no trabalho, diversidade do saber, temporalidade, saber advindo da experiência, saberes humanos sobre saberes humanos e a formação profissional enquanto união desses pontos, isso enfatiza que o saber dos professores se constrói em contextos reais, sustentado por trajetórias de vida individual e coletiva (Tardif, 2002).

Complementando essa perspectiva, Pimenta (2002, p. 45) centraliza a dimensão reflexiva e identitária da docência e afirma que a formação deve ser repensada “a partir da análise das práticas pedagógicas docentes, ou seja, do cotidiano escolar”. Assim, os saberes que formam o professor são vividos e problematizados na interface entre atuação e reflexão, implicando revisitar crenças e valores que sustentam sua ação.

Desse modo, fica claro “que a formação de professor está intrinsicamente ligada a pesquisa, fazendo uma análise crítica da sua prática, o educador toma consciência de dimensões e questões que antes eram ignoradas” (Araujo, 2019, p. 28), ou seja, investigar

consiste em produzir novos conhecimentos e, para isso, o professor necessita de tempo e comprometimento.

Pimenta e Anastasiou (2005), nesse mesmo contexto, ressaltam outro ponto importante: “o domínio restrito de uma área científica do conhecimento não é suficiente. O professor deve desenvolver também um saber pedagógico e um saber político” (p. 271). Com isso, ampliam a noção de profissionalismo docente para além do domínio disciplinar, incluindo, além da pesquisa, dimensões éticas, sociais e políticas no repertório profissional. Ou seja, não basta saber a ciência, é preciso entender o contexto onde ela está inserida e se entender como ser político.

Desse modo, a tradição pedagógica crítica reforça essa visão ao defender que a educação deve garantir o acesso ao conhecimento sistematizado e à sua compreensão como instrumentos de reflexão e transformação social. Nesse sentido, Saviani (1982) aponta para uma pedagogia que articula saberes técnicos e políticos, insurgindo contra a formação meramente conteudista.

Portanto, dentro da formação docente, os saberes docentes são múltiplos, situados, históricos e necessariamente integrados à prática reflexiva. A formação profissional não deve limitar-se à transmissão de conteúdo, mas fomentar o desenvolvimento de saberes pedagógicos, identitários, éticos, políticos e críticos. Essas perspectivas sublinham a urgência de um modelo formativo que valorize a reflexão sistemática sobre a prática, a articulação entre saberes e a ação pedagógica contextualizada.

A RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA E A PRÁXIS REFLEXIVA

A indissociabilidade entre teoria e prática, promissora em contextos formativos, ganha força quando considerada dentro da lógica da práxis reflexiva: um movimento de ação que se torna consciente por meio da reflexão crítica sobre si mesma, promovendo transformações educativas.

Freire (2002) reforça que teoria e prática não são opostas, mas dialeticamente interdependentes pois, “a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (p. 43). Para o autor, refletir criticamente sobre a prática é uma exigência da relação teoria e prática, pois só assim esta se encaminha à transformação consciente.

Contudo, não basta simplesmente aproximar teoria e prática; é imprescindível refletir sobre a prática para gerar teoria que, por sua vez, retorna para enriquecer e aperfeiçoar essa prática. Este movimento dialético fortalece a formação profissional, integrando saberes acadêmicos e experienciais em um processo contínuo de transformação. Vásquez (2007) entende a práxis como uma atividade material de articulação entre teoria e prática que gera uma ação transformadora. Ou seja, não se trata de um mero fazer ou pensar isolado: a teoria fornece os fundamentos que orientam a ação concreta, e esta retorna à teoria, impulsionando um ciclo de transformação tanto do mundo quanto do próprio sujeito.

Nas formações contemporâneas, a efetividade dessa aproximação depende de espaços que propiciem reflexão crítica sobre o fazer docente: contextos como oficinas, estudos de caso e residências pedagógicas são exemplos de dispositivos que potencializam a práxis reflexiva, como indicado em análises sobre formação docente crítica e reflexiva (Anjos et al., 2024).

Assim, o fortalecimento da formação docente atual passa por espaços onde o professor possa parar, pensar e repensar suas escolhas pedagógicas, lugares que realmente ecoem o cotidiano escolar e valorizem a bagagem única de cada profissional. É nesse entrelaçar entre teoria e prática, entre reflexão e ação, que se constrói uma formação viva, capaz de se moldar a desafios inéditos. Ao criar pontes entre reflexão crítica, apoio coletivo e construção contínua, damos ao docente não apenas conteúdo, mas força para reinventar sua prática de modo autêntico e comprometido com a realidade de seus alunos e da sociedade que o cerca.

FORMAÇÃO COMO ATELIÊ: CRIAÇÃO, EXPERIMENTAÇÃO E REFLEXÃO COMO EIXO TRANSFORMADOR

A formação docente ideal pode variar de acordo com a percepção do educador, porém, o Ateliê, que opera na confluência entre criação, experimentação e reflexão, rompe com a lógica tradicional de transmissão de conteúdo, propondo a formação como laboratório de coautoria entre teoria e prática, uma opção que mescla várias ações em uma, utilizando da criatividade como norte.

O conceito de Ateliê pedagógico mostra como narrativas produzidas por docentes em formação atuam como dispositivos que tornam visível o processo formativo, permitindo que a criação, seja textual, visual ou sob outras formas, sirva como ponte entre vivência prática e reflexão crítica.

Segundo Machado (2011), os Ateliês de formação se caracterizam a partir de oficinas temáticas, estudo, socialização de experiências de formação e de trabalho, de estratégias e de ações para que os professores desenvolvam práticas formativas, no intuito de consolidar não só a sua autoformação, como também a formação de seus pares (Machado e Neves, 2015, p. 95).

Em contextos escolares, os Ateliês de formação continuada são percebidos como espaços de aprendizagens profundas, possibilitando que docentes “ampliem o seu tempo de estudo, de reflexão sobre o trabalho, de valorização dos processos de partilha e de formação coletiva com base na sua experiência pessoal e profissional” (Machado e Neves, 2015, p. 93). Esse tipo de formação enraíza-se no local de trabalho, valorizando saberes situados e construções coletivas.

As oficinas pedagógicas se constituem como metodologia formativa profundamente mergulhada na ideia de “aprender fazendo e refletindo”, justamente os eixos que movem a formação em Ateliê. É notório que as oficinas permitem construir conhecimento a partir da ação e da reflexão, sendo um recurso oportuno nessa articulação entre teoria e prática.

A formação enquanto Ateliê é transformadora porque promove uma criação ativa, na qual os docentes experimentam sequências pedagógicas, recursos e materiais, criando e testando protótipos pedagógicos em tempo real. Essa dimensão experimental, tão central no Ateliê, permite que os professores saiam da zona da recepção passiva e se tornem agentes criadores de suas práticas formativas.

A dinâmica de trabalho do Ateliê promove a participação do professor com base na reflexão individual sobre as suas práticas, rotinas, dificuldades, competências, resolução de problemas e condições de trabalho articuladas ao processo de formação continuada. Por outro lado, o Ateliê como espaço coletivo de formação contribui também para o cruzamento de reflexões que se interinfluenciam na dinâmica da participação dos professores. Emerge como resultado a possibilidade de os professores participantes construir conhecimento específico, situado no próprio contexto de trabalho, potencializando, dessa forma, a atribuição de sentidos entre o trabalho docente e a natureza da formação (Machado e Neves, 2015, p. 101).

Esse processo é aprimorado por meio da reflexão e do refinamento constantes: ao registrar e reelaborar suas experiências, os docentes tornam sua prática mais consciente e suscetível de melhoria contínua. A práxis deixa de ser apenas “acontecer” e passa a ser um processo intencional, retroalimentado pela reflexão crítica sobre o próprio fazer. Desse modo, o Ateliê cumpre a função de laboratório formativo, aproximando teoria e prática com flexibilidade e profundidade. Ao colocar o pensamento em ação imediata, ele promove uma

intersecção dinâmica entre o conhecimento acadêmico e sua aplicação concreta, abrindo espaço para inovação informada e reflexiva no fazer docente.

Em síntese, o modelo formativo do ateliê reúne criação, experimentação, reflexão, colaboração e integração teórico-prática: pilares essenciais para a transformação educacional e o desenvolvimento de uma prática docente provocadora, crítica e autônoma, ou seja, os Ateliês, enquanto espaços de formação continuada, têm o potencial de promover uma formação colaborativa para o coletivo docente, pois oferecem a cada participante a oportunidade de expressar suas ideias e articular formação e prática profissional em diálogo com os outros (Imbernón, 2009).

ATELIÊ PEDAGÓGICO E A FORMAÇÃO CONTINUADA

O Ateliê pedagógico emerge como um espaço formativo híbrido que une dimensões estéticas, narrativas e reflexivas à formação docente, configurando-se como um lugar de encontro entre a racionalidade acadêmica e a sensibilidade. Um exemplo expressivo desse tipo de abordagem é a experiência desenvolvida por Andrea Penteado (UFRJ), Graziela F. de Mello (UFF) e Isabelle Ribeiro Coutinho (UFRJ) desde 2022. Nesse contexto, professores em formação criam cadernos de artista como diários de bordo, cuja finalidade vai além do simples registro de eventos objetivos. O que se busca é capturar subjetividades, sensibilidades visuais e poéticas, por meio de uma metodologia baseada em abordagens (auto)biográficas e narrativas (Penteado, Mello, Coutinho, 2025). Essa prática permite que a formação se torne, ao mesmo tempo, exercício de memória, imaginação e autoria, abrindo espaço para que a experiência docente seja compreendida como processo criador e não apenas como relato de fatos.

Quando vinculamos essa proposta à perspectiva da formação continuada, percebemos uma dinâmica enriquecedora e transformadora. A obra *Ateliê didático: uma abordagem criativa na formação continuada de docentes universitários*, organizada por Cristina D'Ávila e Ana Verena Madeira (UFBA, 2018), reforça essa concepção ao defender a necessidade de partir dos saberes experienciados pelos professores e incorporar linguagens lúdico artísticas e sensíveis ao ambiente formativo. Dessa forma, o Ateliê pedagógico, ao promover a produção estética, a autorreflexão e a expressão artística, amplia o horizonte da formação continuada, tornando-a mais significativa, humanizada e conectada à realidade concreta do educador e de seus estudantes.

Diferente de práticas adotadas em muitas instituições, que colocam a formação continuada em um “pacote” e o vendem considerando adequado para melhorar a qualidade da educação. Paulo Freire (2002) vai de encontro a essa ideia ao dizer:

De um lado, nenhum respeito à capacidade crítica dos professores, a seu conhecimento, à sua prática; de outro, na arrogância com que meia dúzia de especialistas que se julgam iluminados elabora ou produz o ‘pacote’ a ser docilmente seguido pelos professores que, para fazê-lo, devem recorrer aos guias (Freire, 2002, p. 71 apud Castro e Amorim, 2015, p. 45).

Assim, no Ateliê os professores deixam de ocupar esse papel passivo de ouvintes ou receptores de conteúdos previamente estruturados e passam a ser autores de uma prática reflexiva e criativa. Ao desenharem, colarem, escreverem em seus cadernos visuais, reinterpretam seus saberes vividos, trazendo à tona dimensões afetivas, estéticas e existenciais que, em geral, permanecem invisibilizadas nos programas tradicionais de formação. Essa metodologia possibilita uma autoformação tocada pela emoção, na qual o aprendizado mobiliza não apenas a mente, mas também o corpo, os sentidos e as percepções. Tal perspectiva considera o professor em sua integralidade e promove transformações que reverberam no que ele é, no que deseja ensinar e no modo como se relaciona com seus alunos.

Contribuições adicionais à formação continuada destacam que ela deve ser processual, contínua e intrinsecamente articulada ao contexto escolar e à gestão educativa. Em outras palavras, formações eficazes devem ocorrer in loco, no espaço em que os professores atuam, para que se estabeleça uma relação dialética entre ação, reflexão e nova ação. Esse movimento cíclico constitui o que se pode chamar de ciclo formativo reflexivo, capaz de consolidar aprendizagens significativas e de sustentar mudanças efetivas no fazer pedagógico.

Esse ciclo fortalece a identidade profissional dos docentes, pois lhes confere confiança para testar novas estratégias e repensar suas escolhas pedagógicas. Ao mesmo tempo, favorece o desenvolvimento de uma cultura reflexiva coletiva, em que os professores se reconhecem como sujeitos ativos na produção de conhecimento pedagógico e não meros executores de prescrições externas. Essa postura fomenta um ambiente de colaboração genuína, no qual colegas compartilham experiências, constroem críticas construtivas e elaboram soluções criativas adaptadas às necessidades de suas turmas e comunidades escolares.

Além disso, fica claro a importância de trabalhar essa formação continuada em um mundo em constante transformação ou que incorpora constantemente novas ideias, ou seja, é preciso se atualizar enquanto docente, pois o “conhecimento não é algo estático, o mesmo está sempre em transformação e nas últimas décadas esse processo tem ocorrido de maneira ainda

mais acelerada e tudo o que envolve o saber é influenciado por essas mudanças” (Cruz e Costa, 2017, p. 6).

Nesse sentido, tais compreensões convergem com as práticas do Ateliê pedagógico, que se afirmam como espaços de formação contínua baseados em experiências vividas, expressão criativa e reflexão compartilhada sobre a atualidade. Ao integrar a sensibilidade estética com a estrutura institucional, promove-se não apenas o aprimoramento técnico, mas também o fortalecimento da identidade profissional, da reflexão ética e da criatividade docente. Nesse sentido, reafirma-se que ao professor cabe “(...) «alimentar» a própria capacidade pedagógica e avaliar as suas capacidades criativas” para poder repassar tais habilidades aos estudantes posteriormente (Alencar, 1992, p. 23).

Assim, o Ateliê pedagógico não se reduz a uma metodologia alternativa, mas representa uma concepção de formação continuada que aposta na potência criadora do professor e na construção de comunidades de aprendizagem sensíveis, críticas e transformadoras.

DESENHO METODOLÓGICO PARA INTERVENÇÕES FORMATIVAS: UM USO DO ATELIÊ PEDAGÓGICO

Neste tópico, apresenta-se um exemplo de Ateliê pedagógico simples, acessível e aplicável, concebido como fonte de inspiração prática para educadores interessados em integrar sensibilidade, criatividade e narrativa visual em seus percursos de formação continuada. Trata-se de um modelo que busca conciliar dimensões estéticas, reflexivas e colaborativas, tornando-se capaz de ampliar a reflexão sobre a prática docente, fortalecer a identidade profissional e promover uma cultura institucional voltada para a escuta, o diálogo e a cooperação entre pares. O Ateliê pedagógico, nesse sentido, não é apenas um recurso metodológico, mas um dispositivo formativo integral, que articula experiência, criação e reflexão, constituindo-se em uma via de transformação da prática pedagógica.

O desenho metodológico desta intervenção formativa inicia-se com um diagnóstico inicial. Nesse primeiro momento, os professores são acolhidos e convidados a representar visualmente o seu “estado profissional atual” por meio de colagem, desenho livre ou diário visual rápido. Essa etapa tem a função de valorizar os saberes individuais, dar visibilidade às singularidades de cada docente e possibilitar a identificação de expectativas, desejos e desafios que emergem no grupo. Esse movimento inicial funciona como um espelho coletivo das

trajetórias docentes, reconhecendo que cada professor carrega consigo histórias, memórias e marcas que influenciam sua prática pedagógica.

Na sequência, desenvolve-se a vivência estética e narrativa, etapa em que cada educador confecciona um caderno de artista. Esse recurso pedagógico integra práticas artísticas (colagem, desenho, escrita poética, fotografia) e reflexivas, permitindo aos docentes expressar, explorar e compreender suas experiências, sentimentos e pensamentos de forma criativa e sensível. O caderno funciona como espaço de registro e elaboração das vivências pedagógicas, abrigando desde reflexões críticas até registros mais subjetivos. Ele é, ao mesmo tempo, diário de bordo, laboratório criativo e espelho identitário, onde o professor pode experimentar múltiplas linguagens e repensar sua própria prática. Essa etapa estimula a autopercepção, o desenvolvimento da identidade profissional e a reconexão entre teoria e prática, permitindo que a experiência formativa toque não apenas o campo cognitivo, mas também o corpo, os sentidos e as emoções.

O terceiro momento é dedicado à reflexão coletiva. As produções são expostas em um ambiente de partilha, e em roda de conversa os professores dialogam sobre as conexões entre suas narrativas e as práticas pedagógicas cotidianas. Essa troca de experiências tem caráter formativo e político, pois promove a criação de uma cultura reflexiva compartilhada, na qual cada docente se vê como parte de uma comunidade de aprendizagem. Desse diálogo emergem insights, desafios comuns e possibilidades criativas, que não apenas fortalecem vínculos, mas também abrem caminhos para práticas pedagógicas mais inovadoras.

A partir desse diálogo, desenha-se a fase de “conexão com a ação”, momento em que os professores elaboram coletivamente mini-planos de intervenção pedagógica. Cada docente estabelece um objetivo simples, uma estratégia estética ou narrativa e um resultado esperado, sempre alinhados às necessidades de sua sala de aula. Essa etapa busca transformar os sentidos emergidos nas produções artísticas em ações concretas, aproximando ainda mais o Ateliê da prática pedagógica cotidiana.

O passo seguinte consiste na implementação em sala de aula, quando os mini-planos são aplicados pelos professores em seus contextos reais de ensino. Esse movimento é acompanhado de registros documentais, anotações reflexivas, fotografias ou relatos breves, que permitem analisar não apenas os resultados práticos, mas também os processos de aprendizagem e transformação subjetiva que ocorreram.

Por fim, organiza-se uma roda de retorno, na qual os participantes compartilham suas experiências de implementação, narrando dificuldades, surpresas, conquistas e aprendizados.

Esse momento é essencial para a avaliação coletiva do percurso formativo, para a sistematização dos resultados e para a construção de desdobramentos ou continuidade da proposta. Mais do que encerrar o processo, essa etapa reafirma o caráter circular e processual do Ateliê, configurando-se como espaço permanente de ação-reflexão-ação.

Ao longo de todas as etapas, o Ateliê pedagógico atua como um espaço de sensibilização, conexão e transformação, no qual os professores são convidados a revisitar sua própria prática, a reconhecer-se em sua integralidade e a cocriar saberes coletivamente. Essa metodologia, por sua natureza estética e colaborativa, contribui para o fortalecimento da identidade docente, para a construção de vínculos profissionais mais sólidos e para a promoção de uma cultura institucional reflexiva e inovadora.

Desse modo, abaixo segue uma tabela esquemática que demonstra, de forma visual, como se organiza o exemplo de Ateliê pedagógico destinado aos educadores.

Tabela 1. DESENHO METODOLÓGICO

Etapa	Ação	Objetivo Formativo
Diagnóstico inicial	Recepção, registro visual dos momentos profissionais e diálogo em roda.	Valorizar os saberes vividos e identificar temas emergentes.
Vivência estética	Produção de caderno de artista individual e troca em duplas ou trios.	Estimular expressão sensível e autorreflexiva.
Reflexão coletiva	Exposição das produções em roda de escuta ativa.	Promover diálogo, escuta e construção coletiva de sentidos.
Conexão com a ação	Planejamento coletivo de mini-intervenções pedagógicas.	Vincular reflexão à prática concreta.
Implementação e registro	Realização dos mini-planos em sala e documentação.	Integrar a formação ao cotidiano docente.
Roda de retorno	Compartilhamento de vivências e avaliação coletiva.	Refletir sobre resultados, aprender e planejar continuidade.

Fonte: de própria autoria.

Esse modelo metodológico, ao mesmo tempo simples, apresenta-se como uma proposta concreta e inspiradora para a inserção do Ateliê pedagógico na formação continuada de

professores. Mais do que um roteiro de atividades, ele oferece um caminho claro e estruturado, capaz de articular dimensões estéticas, narrativas e reflexivas de modo orgânico às práticas educativas. Ao integrar criação artística, expressão subjetiva e análise crítica, o modelo contribui para transformar o cotidiano escolar em um espaço de aprendizagem compartilhada, promovendo tanto o fortalecimento da identidade docente quanto a construção de uma cultura formativa colaborativa e inovadora.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, destacou-se que a formação docente moderna enfrenta o desafio de ultrapassar o abismo entre a teoria acadêmica e a prática vivida na sala de aula. Essa distância, historicamente construída e reforçada por modelos formativos de caráter fragmentado, tende a enfraquecer a potência criativa dos professores e a limitar sua atuação a práticas repetitivas ou prescritas, muitas vezes descoladas das demandas reais do contexto escolar. Nesse cenário, propusemos o modelo do Ateliê formativo, compreendido como uma alternativa que potencializa a criação, a experimentação e a reflexão conjunta, estabelecendo-se como um espaço que valoriza a inteligência simbólica, a sensibilidade e a autoria dos professores.

Retomando essa proposta, o Ateliê reside justamente no fato de ser um espaço vivo e dinâmico, onde os professores não apenas aprendem, mas constroem seu próprio conhecimento. Diferente de uma formação que transmite conteúdos prontos, o Ateliê se configura como ambiente de autoria e de invenção, em que os docentes se transformam em criadores de suas práticas: escrevem, colam, desenham, conectam e repensam, resignificando constantemente suas experiências. Ao fazê-lo, reinventam também sua identidade profissional, não como algo fixo, mas como processo contínuo de autoconstrução e reconstrução. Esse modelo não segue um molde estático, mas se ancora em processos colaborativos, subjetivados e profundamente conectados à identidade e à história de cada participante, abrindo espaço para que a formação dialogue com a singularidade de cada professor.

O valor do Ateliê se expressa, ainda, em sua capacidade de aproximar teoria e prática de maneira indissociável. Ao experimentar, refletir e reexperimentar, os professores aprendem a pensar e a criar enquanto fazem, reconhecendo que o ato pedagógico não é apenas execução de técnicas, mas um exercício consciente e crítico. A prática, então, deixa de ser movimento mecânico e reprodutivo para se tornar ação intencional, criativa e transformadora. Esse

dinamismo gera um movimento espiralado, no qual a prática se retroalimenta da reflexão e vice-versa, instaurando ciclos de formação que produzem mudanças profundas no modo de ensinar e aprender.

Além disso, o Ateliê sugere uma aposta radical no coletivo como instância formativa. A simples ação de expor um caderno visual, compartilhar uma experiência ou narrar uma vivência cotidiana transforma-se em gesto pedagógico de enorme valor, pois constrói uma cultura de formação baseada na escuta, no diálogo e no reconhecimento mútuo. Nessa perspectiva, a solidão docente, muitas vezes denunciada como marca da profissão, dá lugar à construção de comunidades de aprendizagem, em que cada professor se vê como parte de um coletivo e, simultaneamente, como protagonista de sua própria jornada formativa.

O Ateliê, portanto, mostra o poder da formação que toca o professor em sua integralidade. Não se trata apenas de capacitar tecnicamente ou de instrumentalizar com novas metodologias, mas de reconectar o docente consigo mesmo, com sua comunidade e com a possibilidade de transformar a sala de aula de maneira radicalmente humana. Trata-se de uma formação que integra razão e sensibilidade, técnica e imaginação, individualidade e coletividade, convocando os professores a uma postura ética, criativa e comprometida com a transformação social.

Se desejamos uma educação que seja viva, sensível, ética e transformadora, precisamos investir em modelos de formação que despertem vozes, que devolvam ao professor a coragem de inventar e de sonhar junto com seus estudantes. O Ateliê formativo, nesse sentido, não é apenas uma proposta metodológica, mas um convite aberto a uma nova concepção de formação: contínua, processual e emancipadora. É um chamado para a construção de um horizonte em que a docência se reinventa a cada encontro, a cada criação coletiva e a cada gesto de aprendizagem compartilhada.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice Soriano. **Como Desenvolver o Potencial Criador** – um guia para a liberação da criatividade em sala de aula. Petrópolis: Editora Vozes, 1992. DOI: <https://doi.org/10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/pedagogia/praticas-pedagogicas>
Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/pedagogia/praticas-pedagogicas>
Acesso em: 14 abr. 2026.

ANJOS, Sônia Maria dos; PERIN, Ticiane Antunes; MEDA, Micheli Pires de Oliveira; ANDRADE, Hatia Rosi Izaguir; FREIRES, Kevin Cristian Paulino; MINETTO, Vanessa

Aparecida. **Tecnologia na educação**: uma jornada pela evolução histórica, desafios atuais e perspectivas futuras. 1. ed. Campos Sales: Quipá, 2024.

ARAÚJO, Marciano Vieira de.; BARROS, Delma. Formação de professores, currículo e práticas pedagógicas no município de Aquiraz. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, Aquiraz, Ano 04, ed. 05, v. 6, p. 56-201, 2019.

CASTRO, Marcelo Macedo Corrêa e; AMORIM, Rejane Maria de Almeida. A formação inicial e a continuada: diferenças conceituais que legitimam um espaço de formação permanente de vida. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 35, n. 95, p. 37-55, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/CC0101-32622015146800>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/mzBbDRVvkTcvhPPqGRtcfNP/?lang=pt>. Acesso em: 14 abr. 2026.

CRUZ, Evandro Costa; COSTA, Deuzeli Brandão da. A Importância da Formação Continuada e sua Relação com a Prática Docente. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Cantá, ed. 08. Ano 02, v. 03. p 42-58, 2017. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/formacao-continuada>>. Acesso em: 03 de set. De 2025.

D'ÁVILLA, Cristina; MADEIRA, Ana Verena. **Ateliê Didático**: uma abordagem criativa na formação continuada de docentes universitários. Salvador: EDUFBA, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação permanente do professorado**: novas tendências. São Paulo: Cortez, 2009.

MACHADO, Jane do Carmo; NEVES, Rui. **Ateliê de formação Espaço de constatações, reflexões e aprendizagens**. Campo Abierto, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5253049>. Acesso em: 14 abr. 2026.

PENTEADO, Andrea; MELLO, Graziella; COUTINHO, Isabelle. Ateliê pedagógico: Formação artística e sensível de futuros professores. **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 209–226, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5965/244712671112025209>. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/25798> Acesso em: 14 abr. 2026.

PIMENTA, Selma Garrido. **A construção do projeto político pedagógico na escola de ensino fundamental**. In: PIMENTA, Selma Garrido (org.). De professores, pesquisa e didática. Campinas: Papyrus, 2002. p. 32-58

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no Ensino Superior**. São Paulo: Cortez, 2005.

SAVIANI, Dermeval. As teorias da educação e o problema da marginalidade na América Latina. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 42, p. 8-18, 1982. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741982000300001 Acesso em: 14 abr. 2026.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.